



IDENTIDADE E MISSÃO NA JORNADA DE JESUS RUMO A JERUSALÉM EM LUCAS

ISAAC MALHEIROS¹
JEFFERSON RIBEIRO CAFÉ²
JONNY DAVID AMARAL HERNÁNDEZ³

Resumo: Este artigo tem como objetivo avaliar, através de uma pesquisa bibliográfica e teológica, a questão do relacionamento da identidade de Jesus com a sua missão, especialmente na sua jornada rumo a Jerusalém. Há uma clara identificação entre Jesus e sua igreja, de modo que, a partir do exemplo dele, é possível extrair princípios missiológicos para a igreja do século XXI. A narrativa da jornada de Jesus a Jerusalém é a seção central de Lucas, e revela uma firmeza de propósito no cumprimento da missão, em fidelidade às Escrituras. O exemplo de Cristo evidencia que a identidade da igreja e sua missão estão interligadas, e são definidas pelos parâmetros da Escritura.

Palavras-chave: Evangelho de Lucas. Missão. Identidade. Missiologia.

IDENTITY AND MISSION ON JESUS' JOURNEY TO JERUSALEM ACCORDING TO LUKE

Abstract: This article aims to assess, through a bibliographic and theological research, the question of the relationship of Jesus' identity with his mission, especially on his journey towards Jerusalem. There is a clear identification between Jesus and his church, so that, based on his example, it is possible to extract missiological principles for the 21st century church. The narrative of Jesus' journey to Jerusalem is the central section of Luke, and reveals a firmness of

¹ Doutor em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). Docente do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAP, Ivatuba-PR). Contato: pr_isaac@yahoo.com.

² Graduando em Teologia no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAP, Ivatuba-PR). Contato: jefferson.salt7@gmail.com.

³ Graduando em Teologia no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAP, Ivatuba-PR). Contato: jhonny12190@gmail.com.

purpose in carrying out the mission, in faithfulness to the Scriptures. Christ's example shows that the church's identity, as well as its mission, are interconnected, and are defined by Scriptures.

Keywords: Gospel of Luke. Mission. Identity. Missiology.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é avaliar, através de uma pesquisa teológica e bibliográfica, de que forma o exemplo de Jesus Cristo pode lançar luz sobre questões pertinentes à identidade e à missão da igreja do século XXI: como a trajetória de Jesus rumo à Jerusalém em Lucas fornece princípios para um modelo de missão para os nossos dias que mantenha a identidade da igreja? Que princípios missiológicos e eclesiológicos podem ser extraídos da jornada missionária de Cristo rumo à Jerusalém no evangelho Lucas?

A partir de Lucas 9, a identidade e a missão de Jesus entram em foco. Neste artigo, será avaliada primeiramente a narrativa da jornada de Jesus a Jerusalém. Depois, a questão da identidade de Jesus (9:1-50). Depois, veremos o que a jornada de Jesus a Jerusalém nos fala sobre a identidade e a missão de Jesus, e então levantaremos algumas implicações desse modelo bíblico para a missão da igreja do século XXI.

2. A Jornada para Jerusalém

A narrativa da viagem de Jesus a Jerusalém é a seção central de Lucas, e começa em 9:51. Ao contrário de Marcos (10:1-52) e Mateus (19:1-20:34), que fornecem relatos mais curtos, Lucas inclui uma extensa narrativa de viagem que abrange um terço do seu evangelho (BEALE; CARSON, 2007, p. 588).

Os lugares geográficos mencionados não formam uma sequência lógica para uma simples viagem a Jerusalém (KLOPPENBORG, 2017, p. 102-107). Samaria está entre a Galileia e Jerusalém, seguindo a rota através das montanhas (MCCOWN, 1938, p. 59). Mas, após oito capítulos, Jesus ainda está próximo da Galileia: “De caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio de [ou *entre*, grego μέσος] Samaria e da Galiléia” (Lc 17:11).⁴

Jerusalém é mencionada como o destino pelo narrador em 9:51 e 53 (o começo da seção), 13:22 (o meio da seção) e 17:11, 18:31, 19:28, 41 (o fim da seção). Jesus fala de ir a Jerusalém no meio da seção (13:33-34) e no final (19:11). Jericó é a única outra cidade mencionada (18:35 e 19:10). Samaria e Galiléia são mencionadas em 17:11 e os samaritanos são mencionados em 9:52, 10:33 e 17:6. Os galileus são mencionados em 13:1, e os judeus e a Judéia não são mencionados (LEE, 1999, p. 194).

O tamanho da seção dedicada à jornada para Jerusalém demonstra sua importância dentro da narrativa: este ato compreende 40,2% do evangelho, e é de importância central para Lucas (LEE, 1999, p. 194-195). O tema da jornada para Jerusalém termina em Lc 19:44, pois em 19:45 Jesus já está no Templo em Jerusalém.

Este artigo se limitará a discutir a questão da identidade de Jesus (9:1-50), e a jornada para Jerusalém (9:51 – 19:44), e não é uma exposição ou avaliação de toda a seção. O texto diz:

⁴ Salvo indicação contrária, as citações de textos bíblicos neste artigo utilizarão a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.

E aconteceu que, ao se completarem [συμπληρώω] os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém e enviou mensageiros que o antecedessem. Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos para lhe preparar pousada. Mas não o receberam, porque o aspecto dele era de quem, decisivamente, ia para Jerusalém (Lc 9:51-53).

O verbo *completar* (συμπληρώω) é usado por Lucas para descrever o barco que se encheu de água (Lc 8:23), e para referir-se ao cumprimento do dia do Pentecostes (At 2:1). Lucas já havia mencionado que Jesus tinha “cerca de trinta anos” (Lc 3:23), indicando, assim, de modo indireto, que Jesus também já havia *completado* a idade do serviço público (GREEN, 1997, p. 188).

No relato de Lucas, Jesus subiu até Jerusalém para encontrar seu destino (Lc 9:51-19:44, especialmente 13:31-35), mas em Atos a direção se inverte, e a missão sai de Jerusalém (At 1:8). O tempo de viajar pela Galileia havia passado (Lc 4:14-15). A ida a Jerusalém fazia parte do divino propósito (cf. Lc 9:31). Em Lucas, a missão aponta para a morte e ressurreição de Jesus, e, em Atos, chega o momento de os benefícios da morte e ressurreição de Jesus serem proclamados a todos (BOCK, 2011, p. 133).

Essa narrativa da viagem de Jesus a Jerusalém é peculiar a Lucas, pois Mateus a conta em apenas dois capítulos (19-20) e Marcos em apenas um (10). Certamente, a viagem demorou vários meses, e Lucas parece dividir a viagem em três fases (Lc 9:51; Lc 13:22; Lc 17:11). Possivelmente, essas fases estavam separadas por diferentes visitas a Jerusalém, já que João relata Jesus em Jerusalém pelo menos em duas ocasiões durante este período, antes da última páscoa (Jo 7:2-10, 37; 10:22-23) (DAVIDSON, 1995, p. 1903).

Lucas usa bastante o verbo “ir”, “caminhar” (πορεύομαι). O tema da caminhada ocupa toda a estrutura da narrativa da jornada para Jerusalém teológica do Evangelho (Lc 9:51, 52, 53, 56, 57; 10:37-38; 11:5, 26; 13:31-33; 14:10, 19, 31; 15:4, 15, 18; 16:30; 17:11, 14, 19; 19:12, 28, 36). É se movendo para Jerusalém que Jesus estabelece os critérios para os seus discípulos-missionários (Lc 9:57-62; 10:4). Seus discípulos são missionários que se movem como ele (Lc 10:1), e são treinados e formados na experiência missionária, em movimento (Lc 10:17-20).

O movimento continua após a ressurreição de Jesus, e os discípulos recebem o Espírito para testemunhar na Judéia, em Samaria e até os confins da terra (At 1:8). Jesus caminha com (συμπορεύομαι) os discípulos em direção a Emaús e lhes expõe as Escrituras (Lc 24:13-35). Com o tempo, “o caminho” se torna sinônimo de doutrina (At 18:26), e também designa o grupo de discípulos de Jesus (At 9:2; 19:9; 22:4).

3. A Identidade de Jesus em Lucas

A identidade de Jesus é um tema muito relevante no evangelho de Lucas. A questão sobre quem ele é aparece desde o anúncio de seu nascimento (“[...] será chamado Filho do Altíssimo” [1:32]; “[...] o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” 1:35]). A identidade de Jesus foi declarada por anjos, em seu nascimento (“hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor” [2:11]), e por Deus, no batismo de Jesus (“Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” [3:22]).

A voz divina no batismo de Jesus (Lc 3:22) sanciona sua identidade e sua missão. Esta afirmação divina apresenta o papel de Jesus como agente divino de redenção, como representante de Deus, e demonstra a natureza de sua missão. Sua missão e identidade são descritos em relação a Deus e às Escrituras, como o Servo e Filho de Deus que cumpre sua missão de redenção em obediência inflexível a Deus. É essa noção dos limites determinados

pela obediência ao propósito de Deus que o diabo testará em Lc 4:1-13, no deserto (GREEN, 1997, p. 187).

E o Pai reafirmou, no monte da transfiguração, o que tinha revelado no batismo de Jesus: “Este é o meu Filho, o meu eleito” (9:35). Nos dois eventos, no batismo e na transfiguração, Lucas relata que a revelação divina da identidade de Jesus se deu em momentos de oração (Lc 3:21; 9:29).

O próprio Jesus fez declarações a respeito de sua identidade (por exemplo, “O Espírito do Senhor está sobre mim [...]. Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” [4:21]). Pessoas que conheciam Jesus perguntavam: “Não é este o filho de José?” (4:22). Jesus também vinculou sua identidade à questão do sábado: “O Filho do Homem é senhor do sábado” (Lc 6:5).

A identidade de Jesus foi afirmada pelos demônios: “Bem sei quem és: o Santo de Deus!” (4:34), e “Tu és o Filho de Deus!” (4:41; cf. 8:28). Os demônios “sabiam ser ele o Cristo” (4:41). Na opinião de muitos do povo, Jesus era um “grande profeta” (7:16). João Batista questionou: “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (7:19).

A questão da sua identidade levou seu discurso a ser questionado (“Que palavra é esta?” [4:36]; “Quem é este que diz blasfêmias?” [5:21]), e suas ações também (“Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou” [7:39]; “Quem é este que até perdoa pecados?” [7:49]; “Quem é este que até aos ventos e às ondas repreende, e lhe obedecem?” [8:25]).

Herodes perguntou: “quem é, pois, este a respeito do qual tenho ouvido tais coisas?” (9:9). E o próprio Jesus perguntou a respeito de sua identidade: “Quem dizem as multidões que sou eu? [...] E vós quem dizeis que eu sou?” (9:18-20 ARC).

A cristologia de Lucas-Atos é rica e variada, e vários títulos são atribuídos a Jesus: Jesus é Profeta, Cristo/Messias, Filho de Deus, Filho, Senhor, Filho do Homem, Servo (At 3:13, 26; 4:30), Rei dos Judeus, Filho de Davi, Santo, Justo, Autor da Vida (At 3:15), Príncipe (At 5:31), Salvador e Juiz (At 10:42; 17:31). Aparentemente, Lucas não fez nenhuma referência específica e explícita à preexistência e à divindade de Jesus em sua descrição cristológica. Pode ser, no entanto, que a designação “Deus” seja aplicada a Jesus em Lucas 8:39; 9:43; Atos 20:28, embora isso seja discutível (STEIN, 2001, p 48-49).

Havia muitas visões diferentes a respeito do Messias no início do primeiro século, no entanto, todas elas enfatizavam a libertação literal e um reino na terra. O conceito judaico majoritário era o de um Messias que dominaria como um rei, num reino estabelecido por Deus (KEENER, 2014, p. 203). Jesus é um Messias diferente (Lc 9:20-25)

Jesus fez uma importante declaração sobre a sua identidade: “Ninguém sabe [verbo γινώσκω] quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar [verbo ἀποκαλύπτω]” (Lc 10:22). Esse texto deixa claro que, na narrativa de Lucas, a identidade de Jesus é definida pelo Pai, e é revelada aos homens. Ela não é definida pelos homens, não é fruto de opiniões e sínteses de pensamentos.

Após ressuscitar, Jesus apareceu no meio dos discípulos e saudou-os com uma saudação de paz. A fim de provar a Sua identidade, ele lhes mostrou suas mãos e pés feridos (Lc 24:36-40). Ou seja, para provar sua identidade, ele mostrou as marcas do que ele fez. Os resultados de sua missão evidenciaram quem ele é.

Em seguida, Jesus mostrou as evidências de sua identidade e missão através das Escrituras:

[...] importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para

remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas (Lc 24:44-48).

Portanto, a identidade de Jesus em Lucas está vinculada à sua missão e é definida pelas Escrituras.

4. Filho do Homem e Filho de Deus

Após a declaração de Pedro (“és o Cristo de Deus”), Jesus passa a referir-se a si mesmo como “o Filho do Homem” (9:22), e esse título passa a ser usado com mais frequência em Lucas (4 vezes antes do capítulo 9, e 22 vezes a partir de 9:22, enquanto “Cristo” é usado apenas 12 vezes em Lucas).

Curiosamente, o título “Filho do Homem” é usado por Jesus para designar sua própria identidade, e não por Lucas como narrador. “Filho do Homem” é uma autorreferência que distingue Jesus em sua singularidade, aquele que tem legitimação divina e que sofre oposição da liderança judaica (por exemplo, 5:24), especialmente quando essa liderança está associada a Jerusalém (cf. 5:17, 21) (GREEN, 1997, p. 242).

Jesus usou o título “Filho do Homem” para se distinguir dos falsos Messias, explicar sua messianidade, e levar seus discípulos a refletir a respeito da natureza de sua missão: “o Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens” (Lc 9:44). Ele não estava indo para Jerusalém para ser coroado por Deus, mas sim para ser crucificado por seus inimigos (Lc 9:23-26). Mas os discípulos não entenderam como o Messias poderia sofrer e ser morto (Lc 9:44-45). Lucas observa as predições sobre o sofrimento e morte do Messias seis vezes, quando Jesus se dirige para Jerusalém (9:21-22; 9:43-45; 9:51; 12:49-50; 13:33; 17:25; 18:31-34).

Na experiência da transfiguração, a identidade messiânica de Jesus é reforçada na declaração do Pai: “Este é o meu Filho, o meu eleito” (Lc 9:35). Depois da confissão messiânica de Pedro, a declaração divina na transfiguração é a confirmação de Deus para essa confissão (BOCK, 2011, p. 165). Ele era Jesus de Nazaré, o filho de Maria, mas era o Filho de Deus (foi anunciado assim a Maria).

No entanto, o tema da conversa entre Jesus, Moisés e Elias foi a “sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lc 9:30-31), ou seja, a sua missão. Novamente, identidade e missão aparecem juntas. A ordem divina é para “ouvi-lo” (v. 35), ele que, embora seja o Cristo, deve ir para o sofrimento e rejeição, antes que seja glorificado e entronizado (NOLLAND, 2002, p. 448-449). Por causa desse sofrimento vicário, com boas razões, tem sido alegado que o ministério de Jesus oferece muito pouco para encorajar qualquer ligação com o messianismo político (NOLLAND, 2002, p. 448-449, 450).

A identidade de Jesus como Filho de Deus (3:22, 38; 4:3, 9) está ligada à experiência do Espírito (1:35; 3:22; 4:1, 9). O Espírito tanto *certifica* quanto *torna possível* a filiação (GREEN, 1997, p. 184). O *status* de Filho de Deus tem consequências e repercussões (1:32, 35; 2:41-51).

A transição do batismo para a tentação no deserto (3:21-4:13) ainda gira em torno da identidade de Jesus como Filho de Deus, como evidenciam a declaração “Era, como se cuidava, filho de José” (Lc 3:23), e os questionamentos do diabo “Se és o Filho de Deus [...]” (Lc 4:3). Jesus é capacitado pelo Espírito Santo para ser obediente ao propósito de Deus como exposto nas Escrituras, e sai dessa experiência para exercer seu ministério divinamente ordenado em total obediência a Deus (GREEN, 1997, p. 184-185).

Em Nazaré, há uma brusca mudança na forma como as pessoas encaram a identidade de Jesus. A princípio, “todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios, e perguntavam: Não é este o filho de José?” (Lc 4:22). Porém, depois de

uma explicação adicional feita por Jesus, “todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira. E, levantando-se, expulsaram-no da cidade [...]” (Lc 4:28-29). Aparentemente, o povo de Nazaré tinha compreensão estreita da identidade e missão de Jesus, e por isso o recebeu positivamente. Mas, após Jesus desenvolver mais plenamente sua autoapresentação, isso atraiu uma resposta surpreendentemente negativa. Quando eles entenderam mais plenamente a natureza da missão de Jesus, ele não foi mais considerado aceitável (GREEN, 1997, p. 216).

5. A Missão de Jesus em Lucas

No evangelho de Lucas, Jesus define sua missão citando o profeta Isaías (61:1-2): “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:18-19).

Após citar Isaías para definir sua missão, Jesus afirma: “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4:21). A sua identidade e a sua missão são definidas com base nas antigas promessas registradas no Antigo Testamento. Ele é e faz o que a Escritura diz que ele é e faz. A apresentação de Lucas deste discurso na sinagoga (Lc 4:16-30) inclui mais do que é encontrado nos outros evangelhos (cf. Mc 6:1-6). Jesus afirma que o tempo do Jubileu havia chegado, e indica que o Messias havia aparecido.

Ao explicar o propósito de sua vinda, usando o verbo ἔρχομαι, Jesus afirma que não veio “chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento” (Lc 5:32); e diz também que veio “para lançar fogo sobre a terra” (Lc 12:49). A missão de Jesus é resumida na sentença: “o Filho do Homem veio [ἔρχομαι] buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). O texto bizantino traz uma variante textual que afirma que Jesus “não veio [verbo ἔρχομαι] para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las” (Lc 9:56). E, usando o verbo παραγίνομαι, Jesus afirma que não veio “para dar paz à terra”, mas divisão (Lc 12:51). Essas declarações evidenciam a natureza soteriológica da atividade de Cristo, bem como suas consequências colaterais.

Além da autoidentificação de Jesus, a narrativa de Lucas traz a opinião de outros sobre quem ele é. O homem possuído por demônios em Gerasa prostrou-se diante de Jesus o identificou como “Filho do Deus Altíssimo” (Lc 8:28). Esse episódio é antecedido pela parábola do semeador (v. 4-15), o ensino sobre a candeia (v. 16), e sobre a revelação (v. 17), conteúdos estreitamente relacionados à missão de Cristo e de sua igreja.

Após Jesus acalmar uma tempestade, a pergunta dos discípulos é sobre sua identidade: “Quem é este que até aos ventos e às ondas repreende, e lhe obedecem?” (Lc 8:25). Ou seja, uma ação de Jesus levantou uma discussão sobre quem ele era. O que ele faz e quem ele é: o tema da identidade está relacionado ao tema da missão.

Jesus então envia os discípulos em missão, para expulsar demônios, “a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos” (Lc 9:1-2). No mesmo contexto, Jesus e os discípulos alimentam a multidão (9:12-17), e surge novamente um questionamento a respeito da identidade do Cristo. Dessa vez, a pergunta anteriormente feita no episódio da tempestade (“Quem é este?”) é respondida pelos próprios discípulos, através de Pedro: “És o Cristo de Deus” (Lc 9:18-20). Essa resposta vem após a exposição da opinião equivocada das multidões (“João Batista, mas outros, Elias; e ainda outros dizem que ressurgiu um dos antigos profetas” [Lc 9:19]), e só após o envio dos discípulos à missão. Ou seja, é possível deduzir que, no cumprimento da missão, amplia-se a visão dos discípulos sobre a identidade de Jesus.

Muitos estudiosos têm debatido a respeito do conhecimento (ou do suposto desconhecimento) geográfico de Lucas (CONZELMANN, 1960, p. 18-94; HENGEL, 1995, p. 27-78). Lucas retrata uma progressão geográfica no cumprimento do plano de Deus tanto no

evangelho quanto em Atos. Na missão inicial de Jesus, o ministério se move da Galiléia para Jerusalém (Lc 4:14-15; 9:51). Dentre os evangelistas, Lucas é o que mais enfatiza que Jesus está indo para Jerusalém (Lc 9:51; 13:33; 17:11; 18:31). Essa progressão geográfica é revista em At 10:36-39: “Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel [...]. [...] a palavra que se divulgou por toda a Judéia, tendo começado desde a Galiléia, [...] [Jesus] andou por toda parte, [...] e nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém”. O avanço da igreja é semelhante, mas vai na direção oposta. Atos 1:8 fala do movimento de Jerusalém para a Judéia e Samaria, e depois para os confins da terra.

A missão de Jesus está intimamente atrelada à sua identidade. Os milagres de Jesus servem como sinais que atestam a reivindicação divina de sua identidade (At 2:22; 10:38). A irrupção do Reino presente é evidenciada pelas curas e libertações realizadas por Jesus: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus” (Lc 11:20). O Reino de Deus veio ao mundo na pessoa e na obra de Cristo para redimir o homem do reino de Satanás (SCHNELLE, 2010, p. 115). O poder de sujeitar os demônios é um sinal da presença do Reino Deus (Lc 10:18). Jesus não afirmou que o Reino se tratava de uma experiência meramente interior, mas se manifestava em sinais exteriores que acompanhavam a pregação do Reino (CARSON, 2009, p. 1516).

Quando questionado se ele era “aquele que estava para vir” (Lc 7:20), uma alusão à sua posição messiânica, Jesus aponta para uma série de milagres (v. 22) como resposta. Isaías já tinha usado esses milagres como sinal escatológico (Is 29:18-19; 35:5; 42:6; 61:1). Portanto, os milagres de Jesus são evidência de que essa escatologia havia começado (Lc 10:18; 11:14-23).

6. A Identidade e a Missão Definidas pelas Escrituras

Lucas mostra a identidade e a missão de Jesus como um cumprimento do divino propósito, declarado pelo próprio Deus de maneira audível (3:21-22), Jesus já havia sido designado pelos anjos (2:11), pelo narrador (2:26), pelos demônios (4:41) e indiretamente pelo próprio Jesus (4:18); através de anjos (1:26-33- 2_11), mas, principalmente, através das Escrituras (4:17-21; 18:31; 20:17; 21:22; 22:37; 24:27, 32, 44-46).

A ênfase no propósito divino registrado nas Escrituras serve aos interesses eclesiológicos de Lucas, pois a comunidade cristã primitiva está moldando sua própria identidade, em meio a outra comunidade (dos judeus) que também lê as Escrituras, mas que não vê em Jesus o cumprimento messiânico das promessas divinas (GREEN, 1997, p. 22). Por isso, para Lucas, é importante destacar a convergência entre as antigas promessas de Deus e o ministério de Jesus. A vinda de Jesus está profundamente enraizada na antiga aliança, e sua missão está plenamente de acordo com o intento divino. Jesus é quem Deus havia dito que enviaria, e faz o que Deus prometeu que o Messias faria.

À medida que a narrativa de Lucas vai se desenvolvendo, a relação de Jesus com o Espírito Santo e a sua identidade como Filho de Deus vai sendo desenvolvida (3:21-22, 38; 4:1, 3, 9, 14, 18). Jesus foi designado “Filho de Deus” (1:35), uma identidade que foi afirmada por Deus (3:21-22), confirmada genealogicamente (3:38), questionada pelo diabo (4:3, 9), mas assumida por Jesus (4:1-13). Os leitores de Lucas já são introduzidos à messianidade de Jesus em 1:32-33, 69; e 2:11. Mas a declaração de Pedro em Lc 9:20 (“és o Cristo”) marca a primeira vez que os discípulos reconhecem Jesus como o Messias de forma explícita. Essa declaração fora amadurecida pelos milagres de cura, seu domínio sobre a natureza, e por seus ensinamentos. Jesus não apenas é identificado como o Cristo, mas ele é “o Cristo de Deus” (Lc 9:20). Essa qualificação evidencia que Jesus é o Ungido que Deus havia prometido enviar. É, portanto, uma alusão ao cumprimento das Escrituras (STEIN, 2001, p. 277).

Jesus é claramente identificado como o Cristo (o Messias) na declaração de Pedro em Cesaréia de Filipe (Lc 9:20). Lucas indica que a declaração de Pedro está correta, embora não tão enfaticamente quanto Mateus (ver a confirmação de Jesus em Mt 16:17). Jesus pede que os discípulos mantenham silêncio a respeito de sua identidade messiânica por enquanto (Lc 9:21). O motivo é que eles estão certos a respeito de sua identidade, mas ainda estão enganados sobre sua missão. A declaração de Pedro dá a entender que os apóstolos reconhecem Jesus como o Messias esperado, mas não dá a entender que eles sabiam *em que sentido* Jesus era o Cristo (HENDRIKSEN, 2002, p. 475-476). Eles não sabem ainda que tipo de Messias Jesus é.

Refletindo o senso comum da época, os discípulos esperavam um Messias-Rei como um conquistador militar. O Messias deveria iria sofrer e morrer, e convida seus seguidores a tomarem também a sua cruz (Lc 9:23-27). O conceito de um Messias sofredor ia contra a expectativa judaica majoritária de uma figura gloriosa, estritamente vitoriosa e poderosa. Para os judeus, um messias sofredor era incongruente, uma impossibilidade (BOCK, 2011, p. 186).

O embasamento escriturístico da identidade de Jesus transparece também no fato de Lucas 9:35 aparentemente derivar sua declaração (“Este é o meu Filho, o meu eleito [ὁ ἐκλελεγμένος]”) de Isaías 42:1 (“Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido [ἐκλεκτός]”). A LXX usa um substantivo, enquanto Lucas usa um particípio perfeito, evidenciando que Jesus já ocupou a posição de “escolhido”.

Outra evidência de que a identidade de Jesus está firmada nas Escrituras é o eco de Dt 18:15 (“O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; *a ele ouvirás*” [αὐτοῦ ἀκούσεσθε]) na declaração divina: “Este é o meu Filho, o meu eleito; *a ele ouvi*” (αὐτοῦ ἀκούετε; Lc 9:35). Ao contrário de Mateus (ἀκούετε αὐτοῦ; 17:5) e Marcos (ἀκούετε αὐτοῦ; Mc 9:7), a ordem das palavras de Lucas coincide com a versão LXX de Deuterônômio. Essa alusão a Dt 18:15 é importante pois aponta Jesus como o Profeta-Líder prometido na época de Moisés (At 3:19-24).⁵ A voz de Deus, no batismo e na transfiguração, concorda tanto com as Escrituras quanto com as vozes anteriores (de Gabriel, Isabel, etc), o que acentua sua credibilidade (GREEN, 1997, p. 186).

A identidade de Jesus como Messias-Rei também foi uma questão fundamental no julgamento de Jesus (Lc 22:67), e em seu movimento em direção à cruz (Lc 23:2, 35, 39). E o sofrimento do Messias na narrativa de Lucas é um sofrimento *necessário* (δεῖ, 24:26) e predito nas Escrituras (24:46). Algumas semanas depois de pedir que os discípulos mantivessem silêncio a respeito de quem ele era, após corrigir as distorções, Jesus os autorizaria a dizer ao mundo inteiro sobre sua identidade e missão (Lc 24:47).

7. A Identidade e a Missão da Igreja a partir de Jesus

Uma futura pesquisa relacionada a esta pode ser a avaliação mais detalhada da eclesiologia de Lucas e a identidade da igreja em relação a Israel (BOCK, 2011, p. 371), a identificação distinta como “cristãos” em Antioquia (At 11:26), e como uma “seita” dos nazarenos (At 24:5; cf. 5:17; 15:5; 26:5), e como a igreja compartilha a missão e a identidade de Jesus. Lucas procura alcançar um senso de solidariedade, conexão e identificação com Jesus através do que ele fez (BOCK, 2011, p. 449).

Esta pesquisa não discutirá a fundo tais temas por uma questão de espaço, mas levantará aqui alguns princípios que podem ser úteis à sistematização da identidade e da missão da igreja em Lucas.

⁵ Curiosamente, a referência a Dt 18:15 não aparece na declaração divina no batismo de Jesus (Lc 3:22). A declaração na transfiguração (Lc 9:35) expande o que foi dito no batismo (Lc 3:22).

Lucas organiza sua narrativa de forma que tudo o que vem depois de 9:51 deve ser lido tendo em consideração a resolução de Cristo de ir para Jerusalém para morrer em uma cruz. Lc 9:51 representa uma reviravolta no roteiro, como At 19:21. Jesus revelou uma resoluta determinação, lembrando a do profeta Ezequiel (Ez 21:2), uma linguagem que implica o enfrentamento de hostilidades (KEENER, 2014, p. 204).

Nada desviava Jesus de Jerusalém. Mas o seu foco não era geográfico, e sim o cumprimento profético escatológico (já que a rota não faz sentido se for apenas geograficamente avaliada). Por isso, Jesus não aceitou o caminho mais curto para Jerusalém (no deserto da tentação). O objetivo não era apenas ir a Jerusalém, mas ir a Jerusalém em *cumprimento da missão*, fiel à definição de sua identidade e de sua missão, encontrada nas Escrituras. A tentação tinha a ver com colocar em dúvida a sua identidade, a sua missão e as Escrituras. A orientação obstinada de Jesus, ao iniciar a jornada divinamente ordenada a Jerusalém, é a mesma que seus seguidores devem compartilhar (GREEN, 1997, p. 402-403).

A firme resolução de Cristo ao ir para Jerusalém em cumprimento de sua missão é um princípio missiológico básico para a igreja do século XXI. De acordo com a narrativa de Lucas, assumir assim a sua identidade e a sua missão têm consequências perigosas para a igreja, o que pode incluir rejeição, perseguição, sofrimento e morte. Mas, na narrativa de Lucas, Jesus não deixou alternativas para seus seguidores: é preciso tomar a sua cruz, estar preparados para perder a própria vida por sua causa, e não se envergonhar dele (9:23-27) (DAVIDSON, 1995, p. 1901).

Há uma identificação de Jesus com sua igreja (Lc 9:48; 10:16; cf. Mt 25:40; Jo 13:20). A conversão de Paulo, a caminho de Damasco, evidencia isso: Jesus se identifica com a igreja, e se considera pessoalmente atingido pela perseguição movida contra ela (At 9:4-5). Assim, a missão de Jesus é a missão da igreja, e, nos evangelhos, Jesus se apresenta como modelo e exemplo para a comunidade de seus seguidores (Jo 13: 13-16).

O que Jesus oferece aos seus discípulos é um caminho mais convincente e perigoso (Lucas 6:40). É uma reorientação da vida, envolvendo sofrimento e talvez morte. Se alguém for aonde quer que Jesus vá, deve estar pronto para a rejeição (9:51 - 56). Um discípulo de Jesus deve perceber que o seguir significa viver como um estranho no mundo, porque a escolha por Jesus é uma escolha rejeitada por muitos (BOCK, 2011, p. 318). Boa parte de Lc 9:51-19:44 é dedicada a explicar como os discípulos devem viver à luz da realidade da partida de Jesus (9:51, 58; 13:33; 17:11, 25; 18:31-34; 19:41-42) (BOCK, 2011, p. 330).

A intrépida resolução de Jesus de ir a Jerusalém revela um foco, uma firmeza de propósito que ele exige de seus seguidores. Ao enviar os setenta, Jesus disse que os enviava “como cordeiros para o meio de lobos” (Lc 10:3), e os advertiu: “a ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10:4). Essa advertência é justificada pela urgência de sua missão. Eles não deveriam perder tempo em longas e complicadas saudações pelo caminho, e nem mudando de casa em casa (Lc 10:7) - outra advertência contra a perda de tempo na aceitação de inúmeros convites (DAVIDSON, 1995, p. 1904). Novamente, aqui há uma identificação entre o a atitude de Jesus e a atitude que ele exige de seus seguidores.

Após sua ressurreição, ao aparecer aos discípulos, Jesus explicou sua identidade e sua missão a partir das Escrituras, e declarou que seus discípulos são “testemunhas destas coisas” (Lc 24:44-48). Jesus, portanto, estabelece um parâmetro para a identidade e missão da igreja: ser testemunha do que ele é e do que ele fez segundo as Escrituras, o que foi previsto e narrado sobre ele. A igreja não é uma testemunha à margem das Escrituras, ou em oposição a elas.

8. Considerações Finais

Na narrativa de Lucas, a identidade de Jesus é definida pelo Pai, e é revelada aos homens principalmente através das Escrituras. Como Corpo de Cristo, a igreja deve buscar sua identidade nas mesmas fontes. Se há alguma conexão entre Cristo e sua igreja, então o que a igreja é, e o que ela deve ser, não é algo a ser definido apenas pelos homens, pela cultura, como fruto de sínteses de pensamentos.

Assim como Cristo não buscou ser o Messias que o senso comum judaico esperava, a igreja não deve ter como meta primária preencher a expectativa da sociedade a seu respeito. O motivo é que as expectativas das pessoas sobre a igreja podem consistir numa distorção da identidade divinamente estabelecida e revelada.

Mesmo uma avaliação interna, feita a partir dos próprios cristãos, pode trazer o risco de perda da identidade. Quando a igreja é definida essencialmente em termos históricos ou culturais, a partir de práticas e costumes circunscritos à épocas e lugares, ou quando sua identidade está atrelada a alguma visão saudosista de uma suposta época de ouro, ou quando a igreja se define a partir de uma superidentificação com o espírito da época, então a identidade que lhe foi divinamente atribuída pode ser distorcida ou perdida.

Da mesma forma, a igreja faz o que foi divinamente designado como sua missão. A igreja não se dedica a fazer apenas o que gosta, o que é fácil ou o que é popular, tomando atalhos ao sabor das circunstâncias e da pressão sociocultural. A autoidentificação da igreja, e as definições de suas prioridades missionárias têm como ponto de partida as Escrituras. E, como no caso de Cristo, a identificação feita por terceiros é irrelevante para a consciência que a igreja tem de si mesma, e nenhuma influência exerce sobre as suas prioridades missionárias.

Na narrativa de Lucas, identidade e missão são temas interrelacionados, e, por vezes, sobrepostos. O que Jesus faz define quem ele é, e o que ele é orienta o que ele faz. Da mesma maneira, a identidade da igreja contemporânea, conforme definida pela Escritura, vai na mesma direção do que ela faz, e sua missão (praticada, não apenas declarada) evidencia que tipo de instituição ela é.

A importância que Lucas dá à oração nos eventos onde a identidade de Jesus foi revelada pelo Pai (batismo e transfiguração, Lc 3:21; 9:29) também sugere a importância dessa prática para a igreja no processo de descoberta e afirmação de sua própria identidade.

Referências

BEALE, Greg K.; CARSON, Donald A. (eds.). **Commentary on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids: Baker Academics, 2007.

BOCK, Darrell L. **A theology of Luke and Acts: biblical theology of the New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

CARSON, Donald A. [et al.]. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CONZELMANN, H. **The Theology of St. Luke**. New York: Harper & Row, 1960.

DAVIDSON, Francis (ed.). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

- GREEN, Joel B. **The Gospel of Luke**. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.
- HENDRIKSEN, William. **Comentario Al Nuevo Testamento: El Evangelio Según San Lucas**. Grand Rapids: Libros Desafío, 2002.
- HENGEL, M. The Geography of Palestine in Acts. In: BAUCKHAM, R. J. (ed.). **The Book of Acts in Its Palestinian Setting**. Grand Rapids: Eerdmans; Paternoster, 1995.
- KEENER, Craig S. **The IVP Bible Background Commentary**. Downers Grove: InterVarsity, 2014.
- KLOPPENBORG, John. Luke's Geography Knowledge, Ignorance, Sources, and Spatial Conception. In: VERHEYDEN, Joseph; KLOPPENBORG, John S. (eds.). **Luke on Jesus, Paul and christianity: what did he really know?** Bristol: Peeters, 2017. p. 101-146.
- LEE, David. **Luke's Stories of Jesus: Theological Reading of Gospel Narrative and the Legacy of Hans Frei**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.
- MCCOWN, C. C. The Geography of Luke's Central Section. **Journal of Biblical Literature**, v. 57, p. 51-66, 1938.
- NOLLAND, John. **Word Biblical Commentary: Luke 1:1-9:20**. Word Biblical Commentary, Vol. 35A. Dallas: Word, Incorporated, 2002.
- SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- STEIN, Robert H. **Luke**. The New American Commentary, Vol. 24, Logos Library System. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001.